

Espaço Aberto

Reescritura

"De braços jogados por cima da mesa, olhos distraídos e fixos na ponta do lápis. Foi desfolhando a madeira, girando com a mão esquerda apertada o lápis que apontava com o estilete folgado na mão direita".

Remexendo em seus papéis antigos, achou uma folha quase que em branco por completo, salvo por três linhas apertadas no início da página, escritas com um traçado fino e delicado, a lápis. Como era bonita a sua letra envelhecida. Ela (era Raquel o seu nome?) se distanciava um comprimento de seis anos incompletos dessas palavras justapostas em espera. Outras três linhas se perderam na brancura do papel, que levava um estigma em baixo relevo. Não satisfeita com o encontro de palavras emersas do tempo atravessado, tentou por vezes repetidas recompor o que insistia em se desfazer, em se manter afogado no atrás. E parou.

A subsequente tentativa foi a de copiar as frases incoercíveis (de tom inspirador) em seu caderno: lugar de continuidade, de expulsar o aprisionado em si - que agora resolveu, assim, sair. Ela (de onde vem a impressão de que se chamava Raquel?) queria ver se era capaz de organizar qualquer força, lá no emaranhado de idéias, angústias, conflitos, diário. E parou.

Parou porque era só isso. Por cerca de meia hora, deteve-se em acomodar seu coração disparado que, paradoxalmente (entre o azul e o vermelho), batia ora em consonância com a ardência, ora em dissonância com o iminente. Tempo necessário para se dar conta de que perdera a energia e agitação do quando-levava-sardas-no-rostos. Dava-se conta de que os seis anos incompletos a distanciaram da habilidade em encobrir com máscaras brilhantes o que de medíocre lhe extravasava com facilidade - naturalmente - em palavras-palavras.

E sem escrever mais uma palavra, com os braços jogados sobre a mesa, olhava atentamente para o seu reflexo no vidro escuro à frente. A todo custo, queria enxergar se suas maçãs do rosto estavam avermelhadas. Como as sentia arder. Será que isso lhe sobrava em si? Seis anos. Incompletos. Seus olhos caíram sobre o papel: sente a certeza de que sua letra não é mais tão delicada e cuidada, mas inquieta e grossa. O lápis já não risca o papel com tanta suavidade de uma ponta bem feita.

"Seu peito se agita, mas sua mão se mantém firme e imóvel. Deixa o lápis sobre o papel, o estilete paralelo à borda direita da folha em branco e se levanta. Vai dormir".

É, parece que as via avermelhadas: vê o vermelho de suas bochechas, mas não vê o vermelho do seu cabelo, pois ele tem a silhueta desfigurada no reflexo do vidro negro. Talvez não fosse mais ruiva, agora que continuava sua narrativa. Agora que fazia uma pausa depois dos dois parágrafos na folha (o primeiro existente - resistente - o segundo insólito, não sólido).

Reinicia mais uma vez. Agora sim, sente um pulsar firme no meio do seu esterno à altura da mesa alta. As mãos tremem num medo e isso a faz gostar do desenho das letras no papel - só. Vai, não quer romper o ritmo que imprime no seu recomeço determinado pelos pulsos do seu coração. Nem por um segundo cabe pensar no amanhã, no daqui-a-pouco; evidente: sentirá náusea (de remexer, de balançar). Seu corpo se desacostumou com o sabor dessas angústias passeando à toa por aí, e, por isso, perde-se com as novas-velhas reações.

Sem entender o que a movimentava, portanto (talvez fossem as tais lições de que nunca se esquecera), deixou a mão direita desenhar as letras entre as pautas azuis, tentando alcançar qualquer coisa, à toa. Estava pronta sua história: curta, sem conflitos, sem cores, sem ação. Qualquer coisa. Distraída, só para começar, para tirar de si pensamentos que lhe pesavam sobre as costas. Joga o lápis sobre o papel e se levanta. Vai tomar café.